

O protestantismo brasileiro e uma despedida

Como é amplamente conhecido todas as tentativas de implantação do protestantismo no Brasil, enquanto colônia portuguesa, falharam, talvez pelo facto da forte identificação nacional com o catolicismo romano que era regra no espaço nacional.

Num texto de maior fôlego o investigador Sílvio Murilo M. de Azevedo afirma: “Duas tentativas francesas, uma no Maranhão e outra no Rio de Janeiro, de estabelecer uma França meridional (a última sendo empreendimento huguenote) não deram certo. Depois, ainda houve a tentativa holandesa com Maurício de Nassau, que teve efêmera duração. O sentimento nativista, claro, foi o maior fator de resistência, mas o fato de essas tentativas terem sido propostas protestantes também colaboraram para o repúdio dos nacionais. Não obstante, esse passado católico de séculos, a partir do século XIX o Brasil caminhou para que se tornasse como hoje é manifesto, também uma nação protestante. Como isso pôde ocorrer, tendo em vista sua formação católica?”

É justamente disso que trata o interessante artigo do autor publicado nesta edição, no qual aborda factores sociais, históricos, político-ideológicos e religiosos como elementos justificativos do processo.¹

Quando se olha hoje para o campo religioso brasileiro e se observa um mosaico tão heterogêneo de crenças e práticas religiosas tão diversas, não se tem a noção de como foi difícil a introdução de novos paradigmas religiosos. O

¹ Página 53.

trabalho do autor vem trazer alguns subsídios para a compreensão do processo histórico-religioso naquele país de dimensão continental.

Neste número da AD AETERNUM o Prof. Fabiano Veliq apresenta ainda um interessante texto dedicado à temática da Encarnação focada nos séculos II e III d.C., culminando no concílio de Niceia em 325 d.C. que se torna o grande marco de “resolução” da questão da Encarnação iniciada no século I d.C. Nele se revisitam as influências teológicas que animaram a reflexão sobre a natureza e a identidade de Jesus Cristo.

O Prof. Paulo Nuno Martins aborda aquilo que se poderá denominar como o fim do romantismo lunar, a propósito da conferência proferida por ocasião da celebração dos cinquenta anos passados sobre a chegada do homem à Lua em 20 de Julho de 1969, trazendo algumas perspectivas históricas e filosóficas. O texto alerta para “a necessidade de uma abordagem transdisciplinar para a resolução dos vários desafios complexos da sociedade contemporânea, onde os valores espirituais tenham um papel central no desenvolvimento sustentado da humanidade (e.g. NICOLESCU, 2015).”

O texto do Prof. Vítor Rosa procura lançar um breve olhar sociológico sobre o lugar da sociologia das religiões na sociologia geral, sublinhando assim a complexidade e transversalidade do fenómeno religioso nas ciências sociais e humanas.

Finalmente o Prof. Raul Guimarães Lopes traz alguns subsídios para a compreensão dos conceitos existenciais em Kierkegaard, num trabalho minucioso de definição conceptual à luz do existencialismo cristão, uma escola de pensamento frequentemente associada à obra daquele filósofo dinamarquês. Trata-se de uma abordagem filosófica existencialista da teologia cristã sobre a qual importa reflectir.

A revista respeita tanto a grafia adoptada por cada um dos autores que escreveu na língua portuguesa, anterior ou posterior ao AO/90, assim como os textos vertidos na forma europeia ou do Brasil.

...

Com a publicação deste número termino as funções de director da AD AETERNUM, a meu pedido, responsabilidade que mantinha desde a sua criação. Foi uma aventura fundar e dirigir uma revista académica de Teologia e mantê-la ao longo de quatro anos e oito edições semestrais ininterruptas.

Nesta altura tenho pela frente novos e aliciantes desafios pessoais e académicos, por isso e há que reservar energias para as novas tarefas.

Não posso deixar de agradecer a todos quantos apoiaram e colaboraram para que a AD AETERNUM nascesse e vingasse, com destaque para os académicos e investigadores que nos submeteram os seus artigos com vista a avaliação e publicação, autores provenientes de diferentes tradições cristãs e filosóficas, e que muito enriqueceram esta publicação científica.

Despeço-me com o desejo de que a revista continue o seu percurso, visto que a investigação em Teologia é uma necessidade em Portugal, particularmente nos tempos difíceis e complexos em que vivemos.

José Brissos-Lino